



# Pelas veredas do pensamento teológico de Afonso Maria Ligorio

## *Through the paths of the theological thinking of Afonso Maria Ligorio*

Ênio José da Costa Brito\*

“Saudade é canto magoado / No coração de quem sente  
É como a voz do passado / Ecoando no presente”.  
(Patativa do Assaré)

### **Lembrando encontros acadêmicos**

A vida de professor é pontilhada de surpresas, algumas boas outras nem tanto. Neste texto, quero partilhar a vivência de uma boa. No final da década de 1980, ministrava aulas de Teologia, no Instituto Teológico São Paulo, onde ainda hoje continuo trabalhando como Orientador Didático. Vivíamos alunos e professores um tempo no qual os impulsos da renovação inspirada no Vaticano II e da Teologia da Libertação perdiam um pouco da sua dinâmica transformadora no âmbito eclesial. As forças conservadoras se faziam presentes um pouco por toda a parte, o Instituto se constituía num espaço crítico, importante para todos nós.

Entre os temas propostos para o estudo no curso de eclesiologia, coloquei na agenda o da “inculturação”. Tendo em mãos um material apostilado de um longo curso, que fizera com Ary A. Roest Crollius SJ, anos antes na Universidade Gregoriana (Roma),<sup>1</sup> procurei pensar desafios que a “inculturação” colocava para nós da América Latina.

Um dos alunos, que mais se interessou pela temática, foi Afonso Soares, interesse que nos rendeu longas conversas e alguns projetos. Fiquei sabendo, também, do interesse de Soares pelo diálogo interreligioso, em especial entre as religiões afro-brasileiras e o cristianismo. Soube, também, que seu Trabalho de Conclusão do Curso de Filosofia versara sobre a relação entre romance e negritude, intitulado “O Negro em Jorge Amado”

---

\* Ênio José da Costa Brito é doutor em teologia e professor no Programa de Estudos Pós-Gaduados em Ciência da Religião da PUCSP.

<sup>1</sup> Ver Programa do curso no Anexo 1.

Explicando a razão da escolha de Jorge Amado, como objeto de estudo, dizia: “não temos ‘grandes’ filósofos, mas contamos como exímios escritores mestres da palavra”.<sup>2</sup>

Pelos diálogos e pela amizade acabei sendo escolhido para orientar a sua Monografia para obtenção do Bacharelado em Teologia. Anos depois, quando abriu um concurso na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo para professores de Introdução ao Pensamento Teológico- matéria oferecida a todos os alunos da Universidade – convidei Soares para concorrer.

Nos tornamos colegas de trabalho no Departamento de Teologia, neste período ele fazia o doutorado em Ciências da Religião na Universidade Metodista. Seu Mestrado foi feito em Roma na Universidade Gregoriana, nele trabalhou a temática da Inculturação. Fui parecerista por ocasião do reconhecimento do seu título de Mestrado na PUCSP. Tive a oportunidade de ler uma cuidadosa e criativa dissertação, escrita em italiano.

Em 2001 defendeu sua tese de doutorado na Universidade Metodista, intitulada *Sincretismo e Inculturação: Pressupostos para uma aproximação teológico pastoral às religiões afro-brasileiras buscados na epistemologia de Juan Luis Segundo*.<sup>3</sup>

O tempo passou e recebi o convite para estar na sua banca de *Livre Docência*, agora na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, na qual defendeu a tese intitulada, *De volta ao mistério da iniquidade. Algumas sugestões da teologia contemporânea em diálogo com as teodiceias míticas e filosóficas*.<sup>4</sup>

Neste artigo, partilho algumas anotações feitas por ocasião da Monografia em Teologia e para a participação na banca de Livre Docência, sem a pretensão de ser exaustivo. Interessante poder notar a fidelidade do autor a certos temas. No primeiro momento, reporto-me ao trabalho intitulado: *Uma proposta estética para a linguagem teológica. Sugestões buscadas na obra de Rubem Alves*,<sup>5</sup> no segundo, o centro de atenção será o texto da Livre-Docência. Com algumas pontuações concluirei a apresentação dessas veredas acadêmicas, que tive a oportunidade de acompanhar de perto.

---

<sup>2</sup> A. M. L. SOARES, *Uma proposta estética para a linguagem teológica*. Sugestões buscadas na obra de Rubem Alves, p. 1.

<sup>3</sup> O autor deste texto participou da banca.

<sup>4</sup> Participaram da banca os professores (as) doutores Maria Clara Bingemer, Carlos Josafat Pinto de Oliveira, João Décio Passos, Eduardo Rodrigues da Cruz e Ênio José da Costa Brito

<sup>5</sup> A. M. L. SOARES, *Uma proposta estética para a linguagem teológica*. Sugestões buscadas na obra de Rubem Alves, pp.115. Ver a capa no anexo 2.

## Desvelando o enigma rubeninano

Iniciando a Monografia em Teologia, Soares deixa clara a intencionalidade que norteou a sua pesquisa, ao passar de um romancista marxista e sua gente negra para um teopoeta presbiteriano e sua visão da religião e da teologia: “ao introduzirmos agora este exercício de dissertação em Teologia, queremos dizer que continuamos na mesma linha. As mesmas dúvidas e anseios. A mesma esperança de que o povo negro conquiste mais e mais espaço, para dizer sua palavra, sua cultura, sua religião”.<sup>6</sup>

Sua estrela-guia, sua pergunta norteadora: “que relação vislumbramos entre a linguagem de Alves e a procura de uma teologia que leve em conta o Negro e que transmita sua palavra?”.<sup>7</sup>

A escolha de Alves baseava-se numa certeza, a de estar escolhendo um cúmplice, um companheiro de conspiração, pois, a visão rubeniana com “sua apologia do mágico e do lúdico, do erótico e do estético, como categorias fundantes da religião e teologia”,<sup>8</sup> sintonizava com a riqueza da religiosidade afro-brasileira.

Tarefa árdua, uma vez que a linguagem – palavra rubeniana –, com suas ressonâncias, reentrâncias e sentidos polifônicos passa a ser mágica: mais como uma volta à origem – no princípio era o verbo – do que um “realismo mágico” tão na moda. Por isso mesmo não é presa fácil de redes analíticas. Portanto, nos diz Soares: “Não queríamos colecionar definições rubenianas acerca da linguagem, mas apresentar ‘a’ linguagem rubeniana, assim como os novos horizontes que ela nos descortina, no processo mesmo do seu ‘em-sendo-linguagem’”.<sup>9</sup> A temática da linguagem ofereceu o ponto hermenêutico, o ponto de Arquimedes que permitirá a Soares desvelar um pouco do enigma rubeninano.

## Dos capítulos

O estudo da obra rubeniana segue um ritmo quase didático. O capítulo primeiro, intitulado “*Os descaminhos da linguagem: arqueologia do pensamento de Rubem Alves*”, procura evidenciar as várias nuanças de uma arqueologia da linguagem na ótica rubeniana. São abordados os seguintes temas: a linguagem enquanto ferramenta e estrutura para que o homem sobreviva; a base erótica da

---

<sup>6</sup> A. M. L. SOARES, *Uma proposta estética para a linguagem teológica*. Sugestões buscadas na obra de Rubem Alves, p. 1.

<sup>7</sup> A. M. L. SOARES, *Uma proposta estética para a linguagem teológica*. Sugestões buscadas na obra de Rubem Alves, p. 1.

<sup>8</sup> A. M. L. SOARES, *Uma proposta estética para a linguagem teológica*. Sugestões buscadas na obra de Rubem Alves, p. 2.

<sup>9</sup> A. M. L. SOARES, *Uma proposta estética para a linguagem teológica*. Sugestões buscadas na obra de Rubem Alves, p. 6.

linguagem - o ser humano é um ser de desejo, daí a sua busca de satisfação e do que lhe dê sentido para viver -, a posição da linguagem no jogo ideologia-utopia; a linguagem científica com sua pretensão e sua fraqueza e a linguagem memória e ferramenta mágica da imaginação e da criatividade.

Ilustro, brevemente, um dos temas, o da base erótica da linguagem. Para Alves, “a atividade humana, longe de simplesmente procurar manter vivo o corpo, pretende criar as condições para que o corpo encontre satisfação em objetos que lhe deem prazer, quer sejam objetos físicos ou estéticos, valores morais ou religiosos”<sup>10</sup>

Daí que para o autor, “não existe valor algum mais alto que o corpo”, pois, “o que cada corpo proclama não é o triunfo da vida, em abstrato, mas o valor supremo dele mesmo, não importa que forma tenha”.<sup>11</sup>

Portanto, falar da vida é falar do corpo, da carne, de tudo aquilo que o corpo está disposto a fazer e a se permitir para que continue corpo. Soares, então se pergunta: aonde quer Rubem Alves chegar com todas essas asserções? “É simples: ele pretende atacar por outro flanco a questão da verdade”.<sup>12</sup> Daí, inquirir pela possibilidade de uma linguagem veraz, de um conhecimento objetivo da realidade e se a linguagem científica é superior àquela do senso comum?

Alves evocando a modéstia kantiana, diz não, não, não: “A coisa em si, além da atividade pela o sujeito a agarra e constrói, permanece para sempre além do conhecimento”.<sup>13</sup>

No capítulo segundo, *Sobre a linguagem religiosa ou conversas com palavras que engravidam*, nos é apresentada a análise e a apologia que Alves faz da linguagem religiosas, como uma linguagem entre tantas outras e como uma linguagem fundante.

Soares acompanha com admirável sincronia os movimentos que o autor faz ao apresentar nas suas obras as intuições dos críticos da Religião – Feuerbach, Marx e Freud. Assim, eles vão surgindo aos nossos olhos com suas teses centrais, vistas de dentro. Só lentamente, o leitor percebe que são vieses parciais, que se deixam superar.

O ponto de partida rubeniano é uma constatação, que o desafia a desvelar o porquê e o para quê de os seres humanos precisam de Deuses. “É preciso, pois,

---

<sup>10</sup> R. ALVES apud A. M. L. SOARES, *Uma proposta estética para a linguagem teológica*. Sugestões buscadas na obra de Rubem Alves, p. 15.

<sup>11</sup> R. ALVES apud A. M. L. SOARES, *Uma proposta estética para a linguagem teológica*. Sugestões buscadas na obra de Rubem Alves, p. 15.

<sup>12</sup> A. M. L. SOARES, *Uma proposta estética para a linguagem teológica*. Sugestões buscadas na obra de Rubem Alves, p. 15.

<sup>13</sup> A. M. L. SOARES, *Uma proposta estética para a linguagem teológica*. Sugestões buscadas na obra de Rubem Alves, p. 16.

começar assertindo que os deuses estão à solta. A despeito das previsões em contrário – os empiristas e os positivistas adidos a sua filosofia da história, além de notáveis com Marx e Freud – o fenômeno religioso está aí e não cede mostras de sumiço iminente”.<sup>14</sup>

Com relação ao pensamento de Feuerbach, Alves acompanha ora aproximando-se ora distanciando-se da hermenêutica feuerbachiana. Soares na esteira do autor finaliza o tópico intitulado “Feuerbach ou a linguagem dos amantes”, com esta consideração: “Feuerbach – assim como os demais críticos da religião – percebeu com agudeza a putrefação em que se encontravam as palavras da religião. E se empenhou como coveiro das mesmas, a fim de apressar-lhes o sumiço definitivo. Mas não intuiu que novas palavras, viçosas, carnudas, teriam de substituí-las, e fatalmente viriam engravidadas de deuses”.<sup>15</sup>

Outros dois tópicos deste primeiro ponto do capítulo “A crítica da Religião” são: “Marx ou a linguagem dos cegos” (p.41-46) e “Freud ou a linguagem dos Possessos” (p.46-48). Três sub-tópicos compõem o ponto 2.2: “Rubem Alves e a linguagem que faz sentido” (p.49-58), a saber: Ação-contemplação: uma distinção; Religião como discurso expressivo e Religião como experiência fundante.

Nas suas reflexões, Alves foca dois deslizos daqueles que combatem a religião: universalizar certas cristalizações da linguagem religiosa e absolutizar o discurso científico. Soares identifica uma distinção presente no pensamento rubeniano entre discurso científico, que se preocupa com o dado e discurso expressivo, que busca não o já existente, mas o possível. “Na ordem de discursos expressivos arrolam-se utopias, ideologias, sonhos, poesias e religiões... tais discursos têm a ver com aquilo que Camus asserte ser o problema filosófico básico, a saber, o sentido da vida.”<sup>16</sup> Quanto ao discurso religioso, Alves o situa no contexto da ação. Não satisfeito com o já-dado. “Portanto, a religião fala do ausente. E o símbolo máximo do desejo e da esperança é Deus, “o ainda–não presente... o nosso mais elevado projeto de ação, o horizonte no qual nos movemos”.<sup>17</sup>

No capítulo terceiro, *A linguagem teológica ou sobre as redes que se tecem com poesia e amor* (p.59-97). Capítulo denso e criativo, entorno do ser ou não teólogo, no qual discute a teologicidade, quanto a forma dos escritos rubenianos. Para

<sup>14</sup> R. ALVES apud A. M. L. SOARES, *Uma proposta estética para a linguagem teológica*. Sugestões buscadas na obra de Rubem Alves, p. 36.

<sup>15</sup> R. ALVES apud A. M. L. SOARES, *Uma proposta estética para a linguagem teológica*. Sugestões buscadas na obra de Rubem Alves, p. 41.

<sup>16</sup> R. ALVES apud A. M. L. SOARES, *Uma proposta estética para a linguagem teológica*. Sugestões buscadas na obra de Rubem Alves, p. 50.

<sup>17</sup> R. ALVES apud A. M. L. SOARES, *Uma proposta estética para a linguagem teológica*. Sugestões buscadas na obra de Rubem Alves, p. 52.

definir os contornos do perfil do autor, Soares dialoga com C. Boff – *Teologia e Prática* – e com Segundo – *Libertação da Teologia*.

Para que teologizar? Novamente, o leitor é enredado na dialética da linguagem, sua função e estrutura. No capítulo, Soares busca precisar em que direção caminha as intuições do autor: suas mediações e seu situar-se na realidade latino-americana.

A linguagem teológica rubeniana é um jogo, a partir dos símbolos doados pela linguagem religiosa. Redisposição criativa dos ingredientes a nós legados pela tradição, de forma a perpetuar, redescobrir a experiência originária. A linguagem teológica tem uma tarefa educativa, despertar em nós os poemas e sonhos adormecidos.

No primeiro diálogo travado neste capítulo entre Clodovis-Alves, o leitor é colocado diante de “duas epistemologias lógica e historicamente distintas e ‘contendoras’. Trata-se do confronto entre Tomás - o emprego metódico da razão especulativa na compreensão da Positividade da fé e Agostinho - a teologia como “*sapientia, como scientia affectiva*”.<sup>18</sup>

No segundo diálogo entre Segundo/R. Alves, para Soares apesar das divergências, há pontos de proximidade entre eles: respeito pelo diálogo ecumênico, com base na ortopraxis, superação de uma visão sacral e de um evolucionismo ingênuo.

No entanto, para Soares a recepção dos textos de R. Alves por J. L Segundo é redutiva, daí a necessidade de precisões. Segundo, Alves “rejeita de fato, toda cooperação com revolucionários na história, o que leva sua teologia a um real descompromisso com uma libertação histórica concreta”.<sup>19</sup>

Discordando de Segundo, Soares relembra que:

A força geratriz de toda a obra rubeniana, tema-anseio por ela alcunhado de ‘projeto universal da ressurreição dos mortos’ consiste na ‘libertação universal do corpo para o senso erótico da vida num mundo dado ao homem para o seu prazer e para sua felicidade. De novo se evidencia a relação liberdade-vida. Liberdade para a vida. Liberdade já, durante, enquanto. Na vida.’<sup>20</sup>

Para Alves, a comunidade de fé deve encontrar o senso erótico da vida no meio, durante e não no termino da práxis libertadora.

---

<sup>18</sup> R. ALVES apud A. M. L. SOARES, *Uma proposta estética para a linguagem teológica*. Sugestões buscadas na obra de Rubem Alves, p. 78.

<sup>19</sup> R. ALVES apud A. M. L. SOARES, *Uma proposta estética para a linguagem teológica*. Sugestões buscadas na obra de Rubem Alves, p. 92. Segundo comprova sua posição citando *Teologia della Speranza Umana*, p.229.

<sup>20</sup> R. ALVES apud A. M. L. SOARES, *Uma proposta estética para a linguagem teológica*. Sugestões buscadas na obra de Rubem Alves, p. 92.

Soares consegue de modo criativo e cativante fazer uma leitura da obra rubeniana sem colocar a ênfase analítica no que está mais imediatamente expresso. Este viés de análise tem reflexos na ampla e meticulosa pesquisa, na marcante dimensão reflexiva presente no texto e na organização dos dados e na cuidadosa articulação das partes do trabalho. Com um texto ágil, Soares reconstrói, com segurança artesanal, a visão de Alves. O resultado é um trabalho de corte analítico, mas que não tira o autor analisado do seu habitat, possibilitando-nos decifrá-lo um pouco.<sup>21</sup>

Espero, que o pouco mostrado da Monografia tenha desvelado em parte a riqueza da mesma.

O segundo momento deste caminhar pelas veredas do pensamento teológico de Afonso Soares debruçará sobre sua tese de Livre-Docência. Nosso encontro, agora é com o pesquisador mais maduro e arrojado, que acolhe na sua reflexão questões muito complexas no âmbito teológico prático.

### **O mal na agenda teológica<sup>22</sup>**

A presença do mal, “presença escandalosa e inadmissível sob quaisquer circunstâncias”, tem atormentado os seres humanos desde o momento em que entraram no caudal da vida. Entrada recente, por sinal, se pensarmos na história do universo. Pode-se dizer que desde sempre o tema do mal atraiu a atenção do ser humano, pensadores de todas as áreas do saber têm-se debruçado sobre ele, têm-se aproximado do “misterium iniquitatis”. A teologia, por exemplo, ao longo de sua história, fez inúmeras tentativas de desvelá-lo e não poderia ser de outra forma. Juan Luis Segundo relembra que, “quanto mais absurda e sem-razões parece ser a presença do mal no mundo, mais urgente é a tarefa-missão da teologia”.<sup>23</sup>

Soares, na tese de Livre-Docência, *De volta ao mistério da iniquidade*, pergunta pelas contribuições da Teologia de Libertação (TdL) para questão tão espinhosa. Para explicitá-las, acolhe “a provocação vinda do chamado ‘fogo amigo’ – a saber, aqueles autores e autoras que, embora não escondendo sua simpatia por

---

<sup>21</sup> Alguns pontos merecem um pouco mais de atenção na Monografia: o tema da linguagem-memória, ferramenta mágica da imaginação e criatividade, pela importância que tem no pensamento de R. Alves pode ser mais ampliado; a aversão à linguagem científica tem uma componente de fundo teológico que pode ser mais explicitada, ao cotejar o pensamento rubeniano com outros sente-se a falta de um contraponto protestante e o diálogo C. Boff / R. Alves tem um perfil acentuadamente formal, o que distoa da atmosfera criada ao longo do texto.

<sup>22</sup> A primeira versão deste texto foi publicada em *Ciberteologia*, Ano V, n.26, p. 47-51, 2009 com o título “O mal na agenda teológica do século XXI. A versão atual passou por pequenas modificações.

<sup>23</sup> J. L. SEGUNDO apud A. M. L. SOARES. *De volta ao mistério da iniquidade*. Algumas sugestões da teologia contemporânea em diálogo com as teodiceias míticas e filosóficas, p. 2.

essa teologia, ressentem-se de algumas lacunas ou mesmo de alguns resquícios do passado em sua abordagem das injustiças e do sofrimento”.<sup>24</sup>

Minha intenção é partilhar algumas reações diante de uma rica pesquisa, que mereceria uma análise mais exaustiva e minuciosa, reveladora de seus meandros profundos. Início com breves considerações gerais à guisa de comentários, em seguida teço algumas sugestões e termino apontando tópicos para um diálogo com o autor.

### **Considerações gerais da tese, do texto e do método.**

*De volta ao mistério da iniquidade* é uma tese corajosa por várias razões: num tempo de forte presença fundamentalista, propõe-se questionar a resposta cristã ao mistério do mal, perguntar pela possibilidade de uma conciliação entre a existência de Deus e a luta contra o mal e perguntar pela atualidade da contribuição cristã.

É corajosa por abrir um diálogo com outras áreas do conhecimento, enfim, pelo próprio tema, desafiador, espinhoso, uma verdadeira pedra de escândalo, pois “a questão do mal não resolvida é sinal do fracasso, da inutilidade da reflexão teológica, em especial da teodiceia”.<sup>25</sup> O perfil comparativo da pesquisa exigiu não só uma refinada recepção dos autores estudados, mas também um cuidadoso diálogo entre eles, diálogo realizado com esmero, perspicácia e profundidade. Além disso, a tese abriu veredas desafiadoras para futuras pesquisas.

O texto acolheu e ampliou uma intuição de Segundo: “Diferentes antropologias equacionam a seu modo a experiência do mal e do maligno”.<sup>26</sup> Intuição fecunda, pois permitiu à reflexão teológica não só uma visão diacrônica, como o mal foi entendido, mas também uma visão sincrônica, como vem sendo entendido hoje. Essa intuição refletiu na carpintaria do texto.

Os três capítulos que compõem a primeira parte – a saber: “*O socorro das coisas que não existem*”, “*Modelos religiosos de compreensão do mal*” e “*Do mito à Filosofia: grandeza e limites da Teodiceia*” – buscam dar conta da visão diacrônica. Os três capítulos da segunda parte – “*O combate contra o mal*”, “*Da ponerologia à Pisteodiceia*” e “*A história entre o absoluto menos e o absoluto mais*” – dão conta da visão sincrônica.

---

<sup>24</sup>J. L. SEGUNDO apud A. M. L. SOARES. *De volta ao mistério da iniquidade*. Algumas sugestões da teologia contemporânea em diálogo com as teodiceias míticas e filosóficas, p. 4.

<sup>25</sup>J. L. SEGUNDO apud A. M. L. SOARES. *De volta ao mistério da iniquidade*. Algumas sugestões da teologia contemporânea em diálogo com as teodiceias míticas e filosóficas, p.76.

<sup>26</sup>J. L. SEGUNDO apud A. M. L. SOARES. *De volta ao mistério da iniquidade*. Algumas sugestões da teologia contemporânea em diálogo com as teodiceias míticas e filosóficas, p. 128.

Metodologicamente, Soares realizou uma escolha criativa, que preservou e manteve não só a dinâmica como a estrutura dialética do texto. Na primeira parte, intitulada “*Um olhar antropológico prévio*”, depois de um denso e multifacetado *status quaestionis*, abriu um diálogo entre as culturas, tendo como eixo a questão do mal. Na segunda parte, “*Sugestões da teologia contemporânea*”, convocou alguns autores: Soares examina as tentativas teológicas de três grupos autores: primeiramente, aqueles aqui representados por Juan Antonio Estrada, a saber, autores cujo mote principal é o combate contra o mal (capítulo 4); em segundo lugar, aqueles que, como Andrés Torres Queiruga, recolocam a discussão no quadro de uma prévia ponerologia para daí dar novo fôlego à teodiceia clássica na moldura de uma pisteodiceia (capítulo 5); e, finalmente, a posição dos que, como Juan Luis Segundo, aceitam o desafio de Darwin e de seus continuadores, e retomam o problema do mal tendo ao fundo a imagem de um universo inacabado e de um Criador que, de seu Futuro Absoluto, nos atrai a todos para a sua plenitude amorosa (capítulo 6).

Soares não só convocou esses autores para uma “*disputatio fraterna*”, para uma peleja teológica acerca do “*mysterium iniquitatis*”, como deu o mote: o dilema de Epicuro: Ou Deus pode e não quer evitar o mal, e então não é bom; ou quer e não pode e então não é onipotente; ou não pode nem quer, e então não é Deus. Convidando-os a não perder de vista a presença real e concreta do mal na história da humanidade, a não perder de vista o “excesso de mal no mundo”, como a não perder de vista também o “*mysterium bonitatis*”.

## Conteúdo

Retomo sinteticamente o conteúdo da dissertação para que o leitor tenha uma ideia mais ampla da mesma. Na primeira parte, o interesse do autor é apresentar com destaque a multiplicidade de cosmovisões, que subjazem às explicações do mal e do maligno.

Antropologias plurais sustentam essas explicações, revelando como as pessoas entendem a si mesmas, as suas relações com o outro, com o mundo e com os deuses. O capítulo primeiro tem na necessidade do ser humano de transformar a realidade seu fio condutor. Pinturas, esculturas, danças e narrativas recebem esse exorcismo do mal.

O capítulo segundo expõe alguns modelos religiosos de teodiceia, desvelando as ambiguidades dos mesmos nas suas tentativas de aliviar a miséria humana. O capítulo terceiro relembra-nos o acolhimento por parte da filosofia da missão de tentar justificar o mal. Tentativa pouco frutuosa é verdade, mas necessária.

Na segunda parte, convida o leitor a trilhar sendas teológicas e observar as idas e vindas da teologia contemporânea diante do mistério da iniquidade. Entre os autores cujo pensar teológico se volta para o combate contra o mal, escolhe Juan Antonio Estrada. Tais autores buscam na prática solidária uma resposta para o mal presente no mundo, deixando em segundo plano a reflexão teórica. Estão conscientes de que uma teorização sobre o mal é por demais complexa e pouco eficaz.

O capítulo quinto é precedido de algumas questões: Até onde seria eficaz um Cristianismo antimal, cujo ponto de partida consiste no que Xavier Pikaza chamou de “pessimismo ilustrado”? Que tipo de esperança suscitará o profeta cuja razão sabe não haver saída? Estaríamos aqui no limiar de um criptofideísmo? O capítulo se volta para teólogos que julgam ser possível uma explicação razoável ao problema do mal. Andrés Torres Queiruga é um deles, “ele enfrenta a problema a partir de uma prévia distinção metodológica entre o caminho da ponerologia (considerar o mal em sua crueza secular, sem embaraços religiosos) e a via segunda da pisteodiceia (justificar a visão de sentido que cada um de nós escolheu para si).”<sup>27</sup>

O sexto capítulo, o mais longo da tese, tem presente um axioma do pensamento secundiano diante da presença do mal no mundo: “Depois de Auschwitz, a teologia é, se não mais fácil, mais necessária e plausível que nunca”.<sup>28</sup> O problema do mal é retomado por Segundo no horizonte de um universo em construção e de um Criador amoroso que atrai os seres humanos para sua plenitude.

Este perfil do conteúdo nem de longe dá conta dos ricos meandros reflexivos e analíticos da tese. Servem de moldura para que o leitor possa acompanhar as considerações que se seguem.

## Sugestões

Os arguidores aproveitaram o momento do exame público da tese para apresentar sugestões, visando pequenos ajustes que pediam breves ampliações, complementações e, em alguns casos, sinalizaram para futuras pesquisas. Foi lembrada a necessidade de se contextualizar os modelos religiosos de compreensão do mal nas diversas culturas. “Modelos míticos de explicação do mal mostram-nos uma dramática e milenar busca de resposta para o mistério da vida humana”, lembra-nos Soares.<sup>29</sup> Pois bem, cada cultura tem suas razões para buscar explicações

---

<sup>27</sup> A. M. L. SOARES. *De volta ao mistério da iniquidade*. Algumas sugestões da teologia contemporânea em diálogo com as teodiceias míticas e filosóficas, p.90.

<sup>28</sup> A. M. L. SOARES. *De volta ao mistério da iniquidade*. Algumas sugestões da teologia contemporânea em diálogo com as teodiceias míticas e filosóficas, p. 113.

<sup>29</sup> A. M. L. SOARES. *De volta ao mistério da iniquidade*. Algumas sugestões da teologia contemporânea em diálogo com as teodiceias míticas e filosóficas, p. 55.

do mal e respondê-la. Daí o cuidado de não homogeneizar, mas de preservar as especificidades da busca.

O tema da Providência ou o dogma da Providência precisaria ser mais explorado, dada a importância do mesmo no desenvolvimento na tese. Mencionado já na apresentação da hipótese norteadora da pesquisa, acabou permanecendo um pouco na sombra. Relembrando a hipótese: “Uma reflexão teórica alimentada pela sensibilidade ao mal-desgraça e pelo engajamento em ações políticas de combate a quaisquer modalidades de exclusão sai enriquecida se levar às últimas consequências o postulado da Providência divina.

Outro conceito que retorna com frequência nas discussões é o da tradição, conceito que no campo teológico muitas vezes não é bem compreendido, ou, então, é entendido estaticamente. Uma boa nota de rodapé pode ajudar o leitor a perceber a importância do conceito no debate. Como Soares analisa o pensamento de teólogos que estão na fronteira, foi lembrada a necessidade de ser dada uma atenção toda especial ao diálogo com os clássicos, isto é, ver se/como os autores analisados dialogam com os clássicos, como Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino. Também, o diálogo com teólogos como Jürgen Moltmann e Joseph Metz traria contribuições importantes para a contextualização da problemática.

No âmbito do diálogo com as ciências, um dos desafios mais atuais da teologia, foi lembrado que após esse longo estudo sobre o “*mysterium iniquitatis*” valeria a pena, na esteira de Segundo, abrir um diálogo com Freud, com a psicanálise freudiana, em especial com a concepção de trágico.<sup>30</sup> Freud, ao apresentar a constituição e o fundamento psíquico, aponta para a presença de conflitos, cuja realidade e centro se localizam no inconsciente. Os textos freudianos *Para além do princípio do prazer* (1920), *O Eu e o isso* (1923) e *O mal-estar na cultura* (1930) oferecem questões desafiadoras para o pensamento teológico. No primeiro texto, Freud nos apresenta as pulsões, com suas finalidades antinômicas: enquanto “Eros” luta para manter a vida, estimulando a união, “Tanatos” busca a todo custo levar o organismo ao estado inorgânico, ou seja, à morte. No conceito de pulsão de morte se faz presente o trágico existencial freudiano. Freud afirma que somos agidos internamente pela força da morte e a vida é fruto de um conflito irreduzível.<sup>31</sup>

Ao esmiuçar o pensamento dos teólogos e da Teologia da Libertação, o autor apontou para ganhos na compreensão do “*mysterium iniquitatis*”. Daí o pedido para indicar os avanços da TdL com relação ao tema. Teria a TdL contribuído

---

<sup>30</sup> Para um aprofundamento da concepção do trágico na obra de Freud, ver o instigante estudo de: Ana PATITTUCI. *O homem trágico de Freud*. Tese de doutorado em Ciências da Religião. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2009

<sup>31</sup> Cf. Ana PATITTUCI. *O homem trágico de Freud*.

narrativamente, analiticamente, ou numa perspectiva testemunhal? Na tese, trouxe o questionamento de M. Fraijó, que pergunta: “Como uma teologia tão familiarizada com o mal e o sofrimento humano não questiona jamais a atuação de Deus em seu continente? Por que dão sempre como pressuposto que Deus é libertador?”.<sup>32</sup>

Foi lembrada a solidariedade com o sofredor, tão presente na reflexão teórico-teológica da TdL, e a luta na esperança com todos os meios disponíveis contra os efeitos e causas do mal individual e coletivo. O autor pontua, diante das críticas, que “uma reflexão teórico-teológica alimentada pela sensibilidade ao mal-desgraça e pelo engajamento em ações políticas de combate a quaisquer modalidades de exclusão sairia enriquecida se checasse até as últimas consequências o postulado da Providência divina”.<sup>33</sup>

A linguagem simbólico-icônica tem uma importância toda especial, no âmbito da teologia de Segundo, para um encaminhamento das discussões sobre a presença do mal na vida humana. A lembrança da importância da linguagem simbólico-icônica convida-nos a pensar na sua potencialidade. Potencialidade, que pode ser melhor compreendida se voltarmos à década de 1960. Na década de 1960 acreditava-se que o povo simples, os fiéis cristãos que viviam o Catolicismo popular, eram incapazes de compreender a fé, a teologia e a tradição verdadeiras. Para muitos, nem sequer conseguiam pertencer a uma Igreja ou a uma religião, por viverem numa espécie de sincretismo, onde acabavam aceitando aspectos de várias matrizes religiosas sem discernimento. Sendo assim, esse Catolicismo popular estaria fadado ao desaparecimento, não resistiria ao mundo contemporâneo em seu dinâmico, rápido e plastificador processo de secularização.

Com o advento da ciência e da “sociedade perfeita”, não haveria espaço para a religião, muito menos para uma religião popular. A cultura e a religiosidade popular resistem até hoje, mas penso que temos necessidade de novos estudos para mergulhar a fundo na sua natureza. Tem-se avançado pouco nesta perspectiva.

Pois bem, na tese Soares insiste na riqueza e relevância da linguagem simbólico-icônica, que contribui não só na composição como na transmissão das teodiceias populares.<sup>34</sup> Tal reflexão oferece subsídios para estudos aprofundados da mística popular.

Um outro tema, que se faz presente ao longo da tese, é o da encarnação do Verbo. Soares, na esteira dos autores estudados, deixa claro que, ao repensar a

---

<sup>32</sup>M. FRAIJÓ apud A. M. L. SOARES, *De volta ao mistério da iniquidade*. Algumas sugestões da teologia contemporânea em diálogo com as teodiceias míticas e filosóficas, p. 65.

<sup>33</sup>A. M. L. SOARES. *De volta ao mistério da iniquidade*. Algumas sugestões da teologia contemporânea em diálogo com as teodiceias míticas e filosóficas, p. 166.

<sup>34</sup>A. M. L. SOARES. *De volta ao mistério da iniquidade*. Algumas sugestões da teologia contemporânea em diálogo com as teodiceias míticas e filosóficas, pp. 13-23.

kénosis (Fl 2,1), pensa-se melhor o problema do mal. Desvela, também, como os autores pensam a ressurreição à luz do mal. Que tanto mais é problemática quanto menos for relacionada com o agir histórico de Jesus. A fé de Jesus, sua confiança em Deus e sua postura contrária ao mal ensejam o seguimento e transformam-se em resposta de sentido para o ser humano. É a credibilidade de sua vida que nos permite crer na ressurreição.<sup>35</sup>

Trata, ainda, da importância de uma adequada percepção da paradoxal relação entre teologia da liberdade e o escândalo da maldade. Compreensão que possibilita estabelecer uma adequada relação entre Antropologia e Teologia. As pontuações se sucedem ao longo do texto: “Sem dor não há liberdade”; ‘Sem dor não haveria ser humano’; ‘Sem dor ficaria na penumbra a dimensão criadora, ir-repetível e irreversível de nossa liberdade e responsabilidade’; ‘Dor é um estímulo de nossa responsabilidade criadora’.<sup>36</sup>

### Breve conclusão

A história do mal é complexa como a vida. Em *De volta ao mistério da iniquidade*, Soares recorre ao pensamento de teólogos contemporâneos para refazer caminhos que a teologia tem ensaiado diante de questão tão delicada. O resultado desse intenso diálogo teológico é uma síntese seminal, que possibilita ao leitor localizar-se com consistência diante de questão tão complexa. Ao terminar a leitura da tese, a sensação que se tem é de um alargamento do horizonte teológico, agora povoado com dados que pedem um depois para serem assimilados.

A leitura recomendada não só para especialistas da área teológica, mas também para aqueles que se preocupam com o sofrimento humano. Soares tem consciência de que a questão do mistério da iniquidade continua aberta, mas, como seu mestre Segundo, prefere pensar que estar “vivo nesse imenso universo é uma graça incomensurável, *por mais breve que seja nossa estada por aqui*”.<sup>37</sup>

Ao reler esta passagem não pude deixar de pensar na graça que tivemos colegas, amigos e amigas de conviver com Afonso Soares na *sua breve estada entre nós*. Ele deixou-nos num momento de maturidade, plenitude humana e acadêmica. Saudade, muita saudade.

<sup>35</sup> A. M. L. SOARES. *De volta ao mistério da iniquidade*. Algumas sugestões da teologia contemporânea em diálogo com as teodiceias míticas e filosóficas, p. 79.

<sup>36</sup> A. M. L. SOARES. *De volta ao mistério da iniquidade*. Algumas sugestões da teologia contemporânea em diálogo com as teodiceias míticas e filosóficas, pp. 209, 146-147, 154.

<sup>37</sup> A. M. L. SOARES. *De volta ao mistério da iniquidade*. Algumas sugestões da teologia contemporânea em diálogo com as teodiceias míticas e filosóficas, p. 179. O itálico é nosso.

**Referências bibliográficas**

- ALVES, R. *Teologia della Speranza Umana*. Brescia: Queriniana, 1971.
- BOFF, C. *Teologia e Prática*. Teologia do político e suas mediações. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1984.
- BRITO, E. J. da C. O mal na agenda teológica do século XXI. In: *Ciberteologia*, Ano V, n.26, p. 47-51, 2009.
- PATITTUCI, A. *O homem trágico de Freud*. Tese de doutorado em Ciências da Religião. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2009.
- SEGUNDO, J. L. *Libertação da Teologia*. São Paulo: Loyola, 1978.
- SOARES, A. M. L. De volta ao mistério da iniquidade. Algumas sugestões da teologia contemporânea em diálogo com as teodiceias míticas e filosóficas. Tese de Livre-Docência em Teologia defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.
- SOARES, A. M. L. *Uma proposta estética para a linguagem teológica*. Sugestões buscadas na obra de Rubem Alves. Monografia. São Paulo: Instituto Teológico São Paulo, 1988.
- VERSOÇA FILHO, E. de G. *Paideia divina: formação e destinação do homem em Joseph de Maistre*. Tese de Doutorado em Ciências da Religião. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2008.

Recebido: 15/02/2016

Aprovado: 01/03/2016

**Anexo 1**[INC O/A/1] 1programma del corsoLA TEOLOGIA DELLA INCULTURAZIONEI INTRODUZIONE NOZIONALE

- A Il concetto di cultura
- B L'essenza della cultura
- C Lo sviluppo della cultura

II CONSIDERAZIONE STORICA

- A La Chiesa nell'ecumene mediterranea
- B La Chiesa nell'ecumene europea
- C La Chiesa nell'ecumene globale

III RIFLESSIONE TEOLOGICA

- A La teologia dell'Incarnazione
- B La teologia della Rivelazione
- C La teologia della Chiesa

IV ESPLORAZIONI PRATICHE

- A Liturgia e inculturazione
- B Vita religiosa e inculturazione
- C Teologia e inculturazione

## Anexo 2

